

Literatura. O sexto romance do escritor que teima em continuar a viver em Caxinas passa-se num cenário muito distante: a Islândia. Narrado pela voz de uma menina, "A Desumanização" é o grande livro de ficção da 'rentrée' literária de 2013. Diferente do que já escreveu e distante do que se escreve

O romance danado de Valter Hugo Mãe

JOÃO CÉU E SILVA

A leitura de *A Desumanização* mostra que o livro não cabe dentro do escritor em vários momentos. Foi isso que aconteceu?

É verdade que o livro me ultrapassa largamente, mas tenho sempre essa sensação de ser uma versão muito mais inteligente do que eu poderia ser. Até uma versão de mim, potenciada àquilo que me é impossível e que, por isso, esteja sempre além da expectativa.

Era um livro em que havia muita expectativa dentro do escritor?

Era um livro que queria tanto escrever e do qual esperava pretensiosamente muito depois de anos a sonhar com a Islândia. O desafio era manifestamente grande e foi importante correr o risco.

O cenário é a Islândia sem dúvida, mas há palavras que lembram a sua Caxinas...

Os pescadores... O barco...

É verdade a presença de Caxinas?

Em algumas coisas é mais da técnica de se viver ao pé do mar. É verdade que arranjo sempre maneira de ter um barco e que os meus livros facilmente chegam à praia. Assumiria isso numa expressão que uso a dada altura e que dizem nas Caxinas: "Fomos à largada do barco." Senti que ao escrever assim, de alguma forma os fiordes islandeses viriam até mais perto de mim.

Chamou-lhe *A Desumanização*, palavra que só aparece uma vez em todo o livro. Porquê?

A Desumanização porque talvez esteja impressionado com esta maneira de assumir que para se ser gente precisamos de dosear as qualidades humanas. Faz parte da resistência humana o sermos menos gente e aceitarmos mais ou melhor a dimensão animal e a fúria das coisas naquilo que nos leva a falhar. Acho que cresci durante muito tempo na guarda das minha ingenuidades, que provavelmente guardarei sempre, mas tão preparado para a desilusão que os meus livros haveriam de denunciar mais tarde ou mais cedo, daí que *A Desumanização* seja um pouco isso. Também pela percepção de que o

caminho das pessoas se faz des-sensibilizando-nos um pouco, até para sermos humanos.

A jovem protagonista ultrapassa essa situação no final do livro...

Ela queria uma certa redenção, mas não deixa de a fazer através de uma grande agressão que liberta e que, de alguma forma, a completa enquanto ser humano. Precisou de aceitar a dimensão furiosa para se desprender de todo o mal que lhe acontecera. E o livro termina com uma frase que me baralhou durante um tempo – "Quem não sabe perdoar, só sabe coisas pequenas" –, que surge depois de levar a cabo uma vingança, de que se recrimina por não ter sido capaz de perdoar, ao mesmo tempo que espera que os outros se apaziguem perdando-lhe o gesto.

Esta vingança é intemporal?

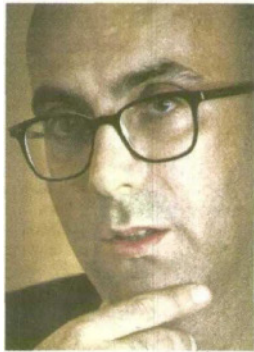
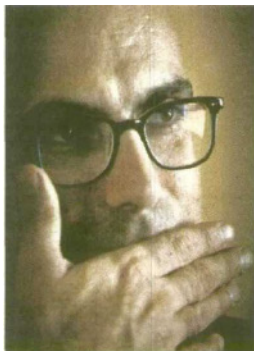
Não... Acho que este livro é o resultado de uma mentalidade que só podia ser plausível hoje. Antes, um romance não acabaria assim, sobretudo com essa decisão terrível e de ao mesmo tempo nos deixar relativamente apaziguados com a personagem. Parece que não lhe queremos mal ou que sentimos como justa a vingança! Este nunca poderia ser um livro do século XIX, seria censurado ou visto como uma propagação do mal. Daí que tenha muito que ver com a forma como hoje valoramos as coisas, porque o homem já é um pouco uma praga no planeta. Começamos a ver-nos como demasiados.

Estranha-se a narração de males terríveis, mas o leitor não fica chocado. Porque está desumanizado ou a narrativa ilude?

Acontece uma coisa perversa nos livros, é que quando conhecemos as coisas pelo seu íntimo somos capazes de as entender e de não ser tão severos. Quanto mais chegamos perto mais nos vamos compadecer com o erro de alguém.

Mas não é perigoso acabar um livro como este e não se ficar chocado com o que ali se passa?

É terrível, mas não é uma tentativa de desumanizar o leitor, antes ostentar-lhe alguma coisa para que possa pensar melhor. Creio que os meus livros funcionam um pouco



“Quando alguém está satisfeito não pode escrever”

assim: mostrar que um juízo moral que parecia estar formulado não o estará assim tanto.

Trata-se de um corte com a obra anterior e mais um longo poema do que uma longa prosa. É assim?

O livro toma a poesia como um tópico também e apelei muito às minhas gulas poéticas perante o apárrato dos fiordes islandeses. Eventualmente, só a poesia consegue criar aquela dimensão ou aludir ao quanto nos escapa. Os fiordes nunca vão caber num texto, é como tentar fazer entrar os Açores num texto. Eu li o Raul Brandão antes de ir aos Açores e, quando lá cheguei, achei que ninguém os conseguiria descrever no total. Percebi logo que a Islândia não é uma coisa que se diga e que a única forma de o tentar obriga a passar pelas forças da metáfora, da imagem e da poesia. Mesmo assim, os leitores vão chegar aos fiordes e acharão o livro uma pequeníssima e ínfima parte do que lá está.

No livro foi mais difícil controlar a natureza do que a personagem?

Completamente... A natureza é praticamente alguém e não é por acaso que eles se fartam de dizer: "A Islândia pensa." As personagens efetivas não estão mais do que nas mãos de uma figura que é o próprio corpo da Islândia, dito como se fosse o próprio corpo de Deus. Foi o primeiro romance onde tal acontece, onde um lugar participa com tanta ou mais importância do que as pessoas.

É um livro religioso muitas vezes.

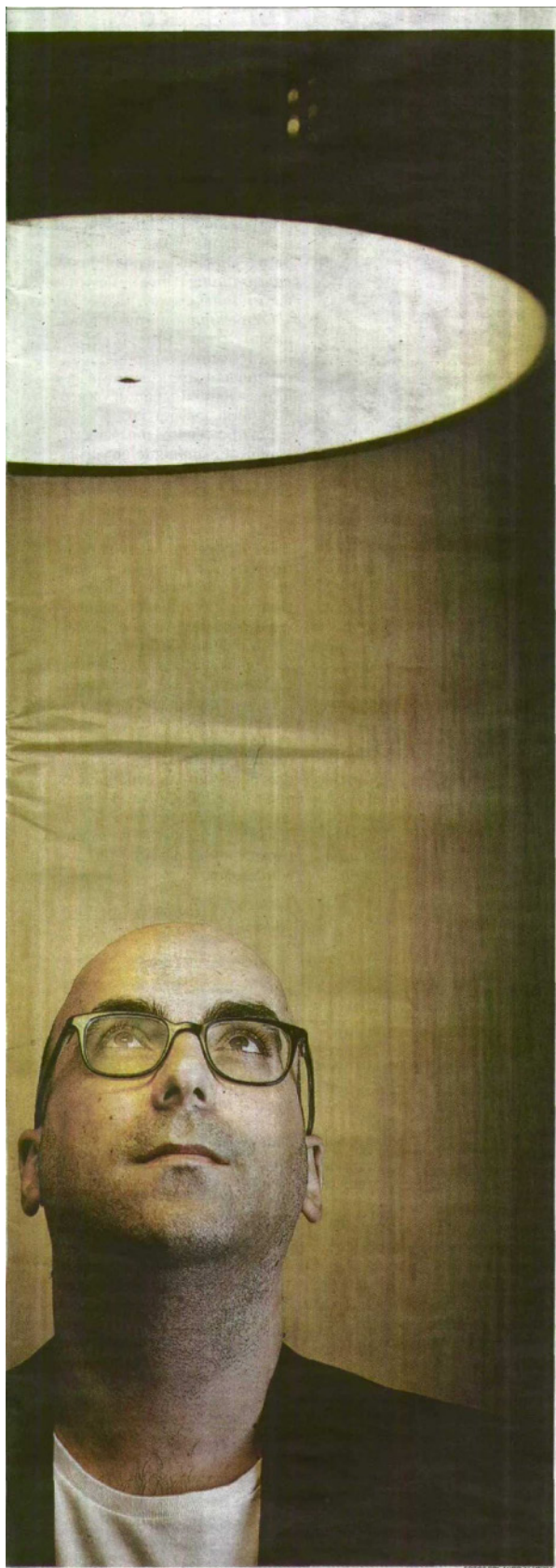
É um livro que procura uma espiritualidade. Estou sempre nesse dilema: acredito, não acredito? Tenho longos períodos em que não creio em nada, tenho alturas em que acho que vou morrer a acreditar em tudo. Como preciso muito de espiritualizar as coisas, o livro procura que a espiritualidade esteja aquém da transcendência e que seja uma pertença da natureza.

Uma personagem sonha que toca excecionalmente num órgão avariado. Enquanto escrevia, sentia-se capaz de concretizar o livro? É uma pergunta muito cruel.

A personagem conseguiu.

Eu sei. Eu fui cruel com a Thurid





ENTREVISTA VALTER HUGO MÃE

Escritor

• Nasce em Angola em 1971, na ex-cidade Henrique de Carvalho e atual Saurimo. Vive a infância em Paços de Ferreira e, em 1980, passa a residir em Vila do Conde. Licenciado em Direito e com uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, dedica-se a várias artes: romance, poesia, edição, artes plásticas e cantor. A atribuição em 2007 do Prémio Literário José Saramago catapultou-o para o reconhecimento público na lusofonia, para o que contribui a opinião do próprio Saramago: "Um verdadeiro tsunami literário."

mas consegui levá-la à satisfação. Creio que o consegui em determinados momentos e que, como não consigo deixar de ser emotivo, existem várias passagens do livro que me comoveram muito. Há momentos da escrita em que paro comovido, a chorar desalmadamente. Tenho constantemente a sensação de as palavras me chegarem e de serem muito mais do que eu poderia ser capaz. Mas acabo sempre os livros a achar que podiam ser melhores, que eu podia ser melhor, e que é uma pena não perceber mais de matemática. Se soubesse, poderia defender melhor algumas passagens dos livros. Se tivesse paciência para aprender química, também podia defender melhor algumas passagens dos livros. Por isso, há sempre uma mágoa no fim que tem que ver com as minhas incapacidades e burrices específicas. **Usemos esta frase do livro: "Estar morto deve ser inteligente. A morte deve ser pura inteligência. Não acredito que existam mortos burros."** O autor só fica satisfeito com a obra após a morte? Escrevi num livro anterior uma frase: "A morte é verdadeiramente a grande oportunidade." Ou seja, se não for a morte a trazer-nos a maravilha mais absoluta, talvez ela seja só imaginária e não exista. Mesmo a maravilha dos fiordes não deixa de ser profundamente predadora! Como tenho tantas dúvidas em relação à transcendência, talvez espere pela morte com uma ansiedade muito grande e acabe por me surpreender com a enorme porta para um lugar melhor. **Onde não existirão escritores?** Ah, os escritores não de ser outra coisa qualquer e alguém satisfeito. E quando alguém está satisfeito não pode escrever. **É difícil escrever no feminino?** Não, mas há passagens que impõem respeito e em alguns momentos precisel de repensar e con-

vencer-me de que aquela poderia ser a expressão de uma rapariga e não de um rapaz. Ou ao começarmos a pensar na menstruação; na expectativa que ela tinha em relação ao sexo com o homem; como é que o sexo seria... Enfim, um rapaz nunca teria dúvidas sobre se o pénis se desprende. Fui testando a personagem e cheguei ao ponto em que se autonomizou bastante, até porque as personagens chegam a uma altura em que vão sabendo quem são e facilitam a vida. **Quando diz que o planeta é feminino é um reforço positivo?** Acho que o planeta é uma mulher e são elas o lugar do parto e da revelação. A participação do homem no gerar dos filhos é ínfima, quase desnecessária, porque é a mulher que desdobra o corpo. No máximo, o planeta terá sido fecundado por um espermatozoide espacial. **De qualquer forma, há partes do corpo dos homens que elogiam?** Afinal, o sexo do homem é muito mais honesto, visível e mais facilmente lavável, enquanto o sexo das mulheres é mais sinistro. **Usa as flores tanto na menstruação como no bordado das cuecas da tia. Foi uma coincidência?** Podia ter bordado outra coisa nas cuecas... Acaba por ser um contraponto entre as flores más e as boas, uma espécie de redenção do sexo. **A língua portuguesa de A Desumanização está diferente, quase como a do acordo ortográfico perfeito, que reúne o português no seu todo. O que se passa?** Não tenho consciência disso. Gosto de usar os gerúndios, há várias coisas no acordo ortográfico que adotei e outras que não. Sempre defendi que a literatura tem de caminhar num sentido um pouco despojado do uso língua, porque demasiado pudor vai fazer que sejamos meramente académicos e, eventualmente, os grandes escritores teriam obrigação de ser os professores universitários. O escritor necessita desse espaço de alguma liberdade e de muita transgressão, porque só assim encontram as expressões que estabelecem a elasticidade do que é possível dizer. Uma das coisas que me dizem no Brasil é que qualquer romance recente de um português lhes parece uma obra do século XIX. O que posso dizer é que quem escreve com medo precisa de ir fazer outra coisa qualquer. **Os leitores islandeses irão lê-lo?** Vou fazer tudo para que possa ser traduzido e interessar a alguma editora islandesa. Guardo uma ansiedade grande para saber o que pensam desta quase provocação, porque é uma homenagem a um espaço que, para todos os efeitos, souberam conservar em vez de destruir. Mas é uma homenagem de profunda crítica ao perfil humano e à contemporaneidade através das personagens. **Este romance terá parte 2?** Acho que não.

A inspiração na fogueira da Islândia

'A DESUMANIZAÇÃO' O novo romance de Valter Hugo Mãe inicia-se com um *trompe l'oeil* gráfico de quatro desenhos tão oníricos como a narrativa que se prolonga pelas 222 páginas seguintes. Se a técnica artística do *trompe l'oeil* significa a utilização de truques de perspetiva com vista a produzir ilusões de ótica que mostram formas que inexistem na realidade, o mesmo se pode também dizer deste mais recente trabalho literário do escritor. Em *A Desumanização*, toda a primeira parte encaminha o leitor por um percurso de literatura/fogo, em que o relato da jovem protagonista é aprisionado pela literatura/gelo da segunda parte. Ou seja, V.H. Mãe dispõe dos leitores a bel-prazer para efetuar uma bipolarização entre a descoberta da geografia e do corpo humano nessa primeira etapa da vida da menina, que é exposta até à mais profunda intimidade física e espiritual sem rodeios, para só após se preocupar com as consequências das palavras que foi pondo neste livro.

Sem revelar o argumento que serve ao romance, diga-se que o leitor é posto logo na primeira linha a participar numa agricultura de almas e que, antes de finalizar a primeira página, já colheu algumas das grandes questões de sempre da humanidade. O livro até poderia extinguir-se ao fim de quatro folhas, porque tratou do nascimento, da vida e da morte. V.H. Mãe não o faz e, com o cenário de uma Islândia feérica, fatalista, brutal e bela, conta um mundo que mais parece uma fogueira em atividade secular. Ao abrir o confessional moral de uma menina que fica sem a irmã gémea, o texto vai queimando o leitor como um vulcão nos momentos mais íntimos do seu pensar e do seu corpo a florir, no contraponto da natureza e dos modos dos adultos, bem como nas metáforas que o romance oferece como em poucos mais publicados neste milénio nacional.

A Desumanização só tem o perigo de seduzir o leitor perante o mal e achar-se que é aceitável. Mas esse defeito revela que, como diz no final o romance: "Quem não sabe perdoar, só sabe coisas pequenas."



'A Desumanização'
Valter Hugo Mãe
Ilustrações de
Cristina Valadas
Porto Editora